

ELLO

Associação dos Deficientes das Forças Armadas

Propriedade, Administração e Redacção
ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS
P. da Independência - Tel. 362167 - L. de S. Domingos - LISBOA
Director-Interino: Fernando P. M. de Brito

Composto e impresso nas oficinas
EDITORIAL MINERVA
Rua da Alegria, 30 — LISBOA

EDITORIAL

Para a justificação de quaisquer actos todos os argumentos se podem adoptar, mesmo os injustificáveis.

Sob esta capa proteccionista e da que os fins justificam os meios, se iniciam e mantêm-se guerras para continuarem a sua ignóbil política. Porém, as vítimas, são sempre duas, ambas da classe, como é óbvio, explorada.

Eis que as vítimas, as que matam, inconscientes e por tal obedientes são instrumentos manobráveis, tornando-se criminosos de outras vítimas, as que morrem, que também aprenderam a obedecer.

Os exploradores têm sempre um modo para justificar a violência e a melhor maneira é dizerem que ela nasceu para garantir a paz. As vítimas, embuídas no obscurantismo político, ingenuamente, consentem a força bélica, acreditando assim que alcançarão a paz, e então poderão viver sossegados.

Os Deficientes das Forças Armadas encontram-se entre os milhares de vítimas espalhadas por este mundo inteiro, que, pela sua ignorância em questões políticas e não só, deram a sua quota-parte, fomentando a guerra, o maior crime colectivo, que os tribunais não julgam, mas que eles e o restante Povo explorado e oprimido, sentem na carne e no espírito.

Dos intervenientes das guerras são os deficientes os que mais sentem quotidianamente e vivamente as formas ignóbeis da exploração e todos os outros artifícios de que os exploradores e seus lacaios se servem para atingir os seus objectivos.

O pretense «sequestro de ministros» apregoado a altos ventos pelo Governo e entidades políticas é uma vil forma de denegrir uma justa luta.

Será sequestro a tentativa exausta do diálogo quando este lhes era sistematicamente negado?

Os Deficientes das Forças Armadas sabem hoje pelas suas deficiências e não só o que lhes custou a ignorância dos antigos governantes responsáveis de não terem querido executar a prática do diálogo, única maneira de evi-

(Continua na pág. 7)

ANGOLA

11 DE NOVEMBRO INDEPENDÊNCIA OU DIVISÃO?

Ao fim de 14 anos de guerra pela sua libertação, o povo de Angola conseguiu a sua separação política em relação a Portugal.

O dia 11 de Novembro marca o fim da dominação colonial portuguesa, mas isto não é de forma nenhuma a independência, a atestá-lo está a continuação da guerra civil naquele território, e a proclamação da independência pelas duas facções rivais, com duas sedes de governo e dois governos distintos.

A estes acontecimentos, não são estranhas as duas superpotências Estados Unidos e União Soviética que tentam por todos os meios perpetuar a dominação neo-colonial sobre o povo de Angola. Nestes acontecimentos têm também uma grande responsabilidade os sucessivos governos provisórios de Portugal que sempre tiveram em relação à descolonização de Angola e não só, uma política dúbia e frouxa que permitiu toda a espécie de jogos políticos que visavam tudo menos a emancipação dos povos que durante centenas de anos estiveram debaixo da tutela de Portugal. O que agora acaba de acontecer em Angola não é mais que o resultado dessa política.

Por ser um dos países mais ricos do mundo em recursos naturais, Angola é cobiçada por aqueles que desejam exercer a exploração e a hegemonia sobre os povos do mundo inteiro, por aqueles para quem liberdade e democracia são coisas a que só eles próprios têm direito, para o povo até dos seus próprios países é a exploração e a guerra.

A povo de Angola não deve deixar-se arrastar para lutas que não

visem a sua completa emancipação política, cultural e económica. Não deve deixar-se manobrar para lutar contra os seus irmãos, defendendo interesses que não são seus, o povo de Angola deve lutar pela reunificação da Pátria Angolana

contra a hegemonia de qualquer uma das superpotências, ou então todos os que caíram pela libertação da sua terra do jugo colonial terão caído de balde pois a exploração continuará, ainda que sob outras formas.



Aspecto da Proclamação da Independência de Angola em Luanda pelo M. P. L. A., ao mesmo tempo noutro local também a F. N. L. A. / U. N. I. T. A. proclamam a independência do mesmo território

(De «A Capital» — foto gentilmente cedida)

Ex-Militares e o Desemprego

Da Comissão dos Ex-Militares Desempregados do Distrito de Coimbra, recebemos a seguinte carta:

«Os Ex-Militares Desempregados do Distrito de Coimbra, no prosseguimento da sua justa luta, entendem ser necessário e urgente esclarecer todos os Portugueses das causas que a motivaram. Eis pois, o motivo e a finalidade do comunicado que em anexo vos enviamos.

Dentro dele inserimos o espírito de solidariedade que nos une a vós, pois torna-se evidente que a nossa luta é comum. Apelamos assim a que os contactos entre nós sejam estabelecidos e normalizados, criando uma frente comum de luta contra o desemprego, pelo direito ao trabalho, pela total integração na sociedade.

JUNTOS VENCEREMOS.

*

Os ex-militares desempregados estão unidos e organizados, em luta pelos seus direitos, luta que é necessária que todos os trabalhadores tomem conhecimento.

Assim vem tornar público o seguinte:

1.º — Que o ex-militar se encontra no desemprego compulsivo em média há seis anos;

2.º — Que a sua situação foi criada pelas guerras coloniais de que todos os trabalhadores portugueses foram vítimas, muito em especial e em particular os ex-militares;

3.º — Que a nossa luta se insere na luta de todos os trabalhadores em geral contra a opressão capitalista, e portanto, na luta de todos os trabalhadores pelo direito ao trabalho, pelo direito à saúde e pela construção do socialismo;

4.º — Que a justa luta dos deficientes das Forças Armadas se integra perfeitamente dentro do espírito da nossa luta, pois também eles são ex-militares no desemprego;

5.º — Que tendo na generalidade sido mobilizados por imposição para as guerras coloniais, em que a par de protegerem interesses que não eram os seus, se viram posteriormente espoliados dos mais elementares direitos que assistem à pessoa humana (direito ao trabalho e à saúde);

6.º — Que antes do cumprimento do serviço militar obrigatório sempre foram relegados para segundo plano na ocupação de postos de trabalho continuando hoje a serem esquecidos muito especialmente em favor daqueles que mais razão de ser deram às guerras coloniais assassinas;

7.º — Que tendo sido a força motriz do 25 de Abril, repudiamos a situação de privilégio que hoje assiste aos retornados (que foram os que mais lucraram com o regime colonial-fascista) na ocupação de postos de trabalho, atribuição de subsídios e outras regalias sociais;

8.º — Que quando foi iniciado o processo de descolonização e surgiu o problema dos retornados, imediatamente foram tomadas medidas de protecção e assistência a esses mesmos retornados, continuando nós a sermos marginalizados por parte das autoridades governamentais;

9.º — Que tendo em conta os pontos atrás citados, decidimos encetar a nossa luta em moldes revolucionários tendo em vista o objectivo final.

Deste modo foram já organizadas três assembleias, onde estes mesmos pontos foram discutidos e assentes.

VIDA ASSOCIATIVA

DEMISSÃO DE ELEMENTOS DA DIRECÇÃO

Pelos membros da Direcção reunidos em 8-10-75, foi recebida a comunicação do Presidente da Mesa da Assembleia Geral, na qual dá conta da posição assumida pelos associados Lavouras Lopes e Jorge Maurício na sua qualidade de membros da Direcção. Devido a divergências internas estes membros decidiram demitir-se.

Face a isto, foi decidido dar cumprimento ao estatuído no Art.º 29.º, ponto 1, escolhendo, os restantes membros da Direcção em exercício, dois associados para completarem o elenco directivo. Deste modo, passa a ser a seguinte a constituição da Direcção, até às próximas eleições em Assembleia Geral:

Presidente, Humberto Sertório Fonseca Rodrigues;

Vice-Presidente, Hugo António Constantino Guerra;

1.º Secretário, Fernando Pinheiro Marques de Brito;

2.º Secretário, Amândio Tété Pereira;

Tesoureiro, José Albino Assunção Gabriel.

— Esta Direcção considera-se em função para todos os efeitos legais, devendo ser imediatamente tomadas providências no sentido de regularizar quaisquer assuntos pendentes com bancos, entidades públicas e privadas com os quais tivessem sido estabelecidas obrigações directivas por intermédio dos elementos que nesta data são substituídos.

— Analisados os últimos acontecimentos ocorridos com a destruição do emissor da Buraca do Rádio Renascença na sequência da decisão do Estado-Maior General das Forças Armadas que determinou o silêncio da voz da ADFa, proibindo a emissão do programa de rádio da E. N., que já no passado dia 5 não foi para o ar. Considerando estes factos inseridos na escalada dos órgãos «responsáveis pela Revolução» no sentido de pretenderem calar a voz dos trabalhadores e exploradores deste País, decidiu-se fazer um comunicado a divulgar a posição da ADFa e ao qual será dado a mais ampla divulgação.

PROGRAMA DA E. N.

Através da nota n.º 2599/G. D., de 28-10-75 do Estado-Maior General das Forças Armadas, foi cancelado o programa dos DFA às quartas-feiras das 12,30 às 13 horas na Emissora Nacional.

No trabalho desenvolvido foram já organizadas diversas comissões por todo o País, nomeadamente em Coimbra, Braga, Aveiro, Viseu, Torres Novas e Lisboa. O nosso objectivo é continuar com a dinamização, por forma a criar um alargamento a nível nacional.

Deste modo temos em vista:

A) A realização a médio prazo, de um plenário nacional em Lisboa, com vista à elaboração de um caderno reivindicativo;

B) Lutarmos sempre ao lado de todas as forças verdadeiramente progressistas pela defesa da revolução socialista, não deixando que o processo revolucionário seja entravado por medidas de protecção às classes exploradoras, em detrimento de todos os explorados e oprimidos deste País.

Face a isso a Direcção da ADFa enviou ao Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas a seguinte nota:

Exmo. Sr.:

1 — Como é do conhecimento de V. Ex.ª, a Associação dos Deficientes das Forças Armadas vinha utilizando um período de 30 minutos semanais, à quarta-feira, na Emissora Nacional, que em princípio nos fora cedido pela 5.ª Divisão e aquando da reestruturação desta se manteve a oferta por parte do Sector de Planificação de Trabalhos ratificada pela Direcção da E. N., que sempre utilizámos no melhor sentido de divulgação dos ideais que têm norteado esta Associação.

2 — Inexplicavelmente para nós, ao dirigirmo-nos ao estúdio de gravação de programas no passado dia 5, fomos informados que estávamos impedidos de gravar o habitual programa e, o que nos parece estranho, que a ordem para esse impedimento vinha directamente do Estado-Maior General das Forças Armadas, pela nota n.º 2599/G. D., de 28 de Outubro passado.

3 — Por este meio vimos solicitar a V. Ex.ª se digne mandar informar-nos quais os motivos que levaram esse Estado-Maior a mandar calar a voz da ADFa que sempre tem demonstrado estar com a Revolução ao lado do povo explorado e oprimido deste País e para quem, parecia, se fez o 25 de Abril.

Apresentamos a V. Ex.ª as nossas saudações revolucionárias.

BIBLIOTECA

Neste momento particularmente crítico que atravessamos, em que a burguesia se organiza e avança

decidida a reprimir violentamente as conquistas alcançadas pelas massas trabalhadoras, torna-se urgente que todos os explorados adquiram uma verdadeira consciência de classe, armando-se ideologicamente, conhecendo profundamente as experiências revolucionárias de outros povos que ao longo da história se libertaram da escravidão e exploração a que estavam submetidos.

Seguindo esta linha de pensamento é absolutamente necessário que os deficientes se politizem adquirindo uma verdadeira consciência revolucionária, de maneira a poderem defender-se, e no momento oportuno contra-atacarem, todas as ofensivas da burguesia.

Prosseguindo este raciocínio torna-se premente que a Associação constitua uma verdadeira biblioteca, não no sentido que lhe dá a burguesia, mas sim uma verdadeira biblioteca proletária, armada com livros que ensinem o marxismo-leninismo, dos grandes mestres como MARX, ENGELS, LENINE e outros revolucionários conseqüentes.

Camarada, consulta a nossa biblioteca, vê o que existe e dá sugestões sobre o que se deve adquirir.

UMA DÁDIVA DE 5000\$00 DO CORPO NACIONAL DE ESCUTAS, DE SERPA

Do Corpo Nacional de Escutas, agrupamento 377 de Serpa, recebemos a seguinte missiva:

«Serpa, 5-11-975.

O Agrupamento de Escutas de Serpa apoia os deficientes das Forças Armadas, e envia o seu modesto contributo, através do vale postal registado com o n.º 23271, da importância de 5000\$00.

Com as melhores saudações».

Os nossos agradecimentos.

FACTOS...

Em todo o concelho, era conhecido o José Póvoa que tinha ido à guerra de Angola, como dizia o povo, mas que voltara sem duas pernas... movia-se numa cadeira que de tanto uso estava velha apesar de carregar um corpo jovem onde a revolta ainda não tinha morrido.

Tinha sido dos primeiros a abalar para uma guerra que não lhe dizia respeito mas que o — velho ditador — fizera crer como sendo necessária e útil até para o jovem José. Partiu num velho barco de mistura com o medo, a aventura e a inconsciência.

A sorte não lhe foi favorável e passados que foram alguns meses voltou destruído física e moralmente.

Todas as manhãs assistia, já sentado na sua cadeira, à partida dos pais e dos irmãos mais novos para a faina dos campos. Ele era o filho mais velho. Mudo e quieto, seguia todos os movimentos da partida e quando os via desaparecer na curva da rua, o seu olhar perdia-se no infinito... Naquele dia quente entre mato serrado... caminhava-se com dificuldade... de repente a mina!...

Um dia, um grupo de homens de bata branca e com galões mandaram-no para casa com a promessa de que ao fim de cada mês receberia dinheiro para viver descansado o resto da vida...

José Póvoa aprendera muito desde que saíra da sua aldeia e a raiva crescia dia a dia, pois sabia que o

seu sacrifício só servira para encher os bolsos de alguns e que a sua luta, o seu suor e o seu sangue não tinham, nunca tiveram ligação com os interesses do Povo. Ele que era puro filho do povo!...

Famíliares e amigos receberam-no de novo mas com paciência e caridade cristã mas cada dia que passava sentia-se apodrecer. Tinha-lhe dito, quando teve a ousadia de pedir uma recuperação profissional, já que só sabia amanho as terras, que se encostasse à pensão e não criasse problemas...

Camarada, este facto que te descrevi aconteceu e acontece nas aldeias do nosso Portugal. Não poderemos apodrecer à sombra da nossa pensão que na maior parte dos casos não dá para viver mas para morrer.

Talvez seja cómodo tentar esquecer no álcool e na caridadezinha, o sangue inútil de uma guerra. Mas, amigo, não te iludas a ti próprio, pois o mundo é cruel... Enquanto não misturares a tua inteligência e suor ao trabalho e esforço do Povo, serás sempre um marginalizado. Amigo, eu que te escrevo estas palavras ainda não estou reintegrado profissionalmente mas estou alerta para entrar na liça logo que as condições para tal aconteçam. É necessário e urgente sairmos da concha da nossa deficiência... as condições que durante anos nos foram negadas vão aparecer... alerta, camaradas!

M. LOPES DIAS

A geografia é a ciência que estuda os traços físicos de diversos países e regiões do mundo, a disposição da sua produção social e as inter-relações existentes entre eles. Estudar algo da geografia natural e econômica, colocando o acento tônico sobre a geografia política mundial, ajudar-nos-á a dominar as verdadeiras perspectivas da situação internacional e conhecer os reajustamentos e mudanças nas relações internacionais.

■ Os mestres revolucionários prestam grande importância à Geografia

Ao estudar a situação da luta de classes internacional, os grandes mestres prestam, sem exceção, especial atenção ao uso e análise de diversas classes de materiais sociais, políticas e econômicas, incluindo os dados geográficos.

Em *O Imperialismo, Estádio Supremo do Capitalismo*, cita-se e analisa-se uma enorme quantidade de dados e quadros de estatísticas geográficas destinados a mostrar as transformações operadas na geografia política e econômica mundiais antes e depois da repartição do mundo entre as potências imperialistas. Assim se estabeleceu a tese do desenvolvimento desigual dos países imperialistas e se tirou a conclusão de que «as guerras imperialistas são absolutamente inevitáveis» (*O Imperialismo, Estádio Supremo...*)

Em muitas obras sobre problemas internacionais é analisada a situação revolucionária mundial à luz da geografia mundial.

Em 1946, assinalou-se: «Os E. U. A. e a União Soviética estão separados por uma extensa zona na qual existem muitos países capitalistas, coloniais e semicoloniais da Europa, Ásia e África». Naquele momento, o imperialismo norte-americano, que havia substituído o alemão, italiano e japonês, «no Pacífico... controla regiões mais extensas que todas as esferas de influência que a Inglaterra possuía ali no passado; controla o Japão, a parte da China debaixo do domínio do Kuomintang, metade da Coreia e o Pacífico Sul, controla desde há tempos a América Central e a do Sul, também pretende controlar todo o Império Britânico e toda a Europa Ocidental. Debaixo dos mais diversos pretextos..., realiza em muitos países amplos preparativos bélicos e estabelece bases militares».

Esta tese, que explica cientificamente as peculiaridades da luta de classes internacional naquele período, serve-nos de guia para observar a situação básica do mundo depois da Segunda Guerra Mundial.

Com o aparecimento da China socialista e outros países socialistas, o desenvolvimento da luta revolucionária das nações e povos sobretudo da Ásia, África e América Latina, e a restauração do capitalismo na União Soviética, que se converteu mais tarde num país imperialista, teve lugar uma profunda alteração na geografia política mundial.

■ Duas superpotências e duas zonas intermédias

Aproveitando-se do declínio do imperialismo norte-americano, o revisionismo soviético galga todas as barreiras de modo a intensificar a sua infiltração e expansão até ao estrangeiro; com o apetite aguçado, converte-se numa superpotência que esgrima com o imperialismo norte-americano pela hegemonia mundial. A aplicação da política de «lei da selva» por parte do revisio-

nismo soviético e imperialismo norte-americano ocasionou a redivisão e reagrupamento no mundo capitalista. De modo que no atlas mundial se podem encontrar duas vastas zonas intermédias colocadas entre os países socialistas e as duas superpotências: o imperialismo norte-americano e o revisionismo soviético. Os países asiáticos, africanos e latino-americanos estão na primeira zona intermédia, a segunda compreende os principais países capitalistas do Ocidente e do Oriente, excepto a União Soviética e os E. U. A.

Cobrindo 63% da terra firme do globo terrestre, os países asiáticos, africanos e latino-americanos têm uma população que é três quartos da total do mundo, e são fabulosamente ricos em recursos naturais. A Ásia Ocidental tem aproximadamente 58% das reservas de petróleo do mundo e quase 60% dos depósitos de estanho se encontram na Ásia oriental do Sul.

mundo de hoje. Competindo com o estadunidense pela hegemonia mundial, o imperialismo soviético afana-se por estabelecer uma rede de bases que se estende do Mar Mediterrâneo ao Mar Vermelho e do Golfo Pérsico (Golfo Árábico) ao Oceano Índico, convertendo esta zona em sua esfera de influência, além de estar levando a cabo a expansão até ao Pacífico. Deste modo, na arena internacional a luta pela hegemonia entre as duas superpotências — o revisionismo soviético e o imperialismo estadunidense — está destinada a tornar-se cada vez mais aguda.

■ A causa principal da intranquilidade no Mundo

A chamada «crise do Médio Oriente» é um caso que ilustra esta situação. Do ponto de vista geográfico, a região do Médio Oriente, situada no centro da terra firme do

A GEOGRAFIA E O IMPERIALISMO

As reservas de ouro, urânio, diamantes e cobre na África ocupam um importante lugar no mundo. A América Latina é famosa pelo seu ferro, petróleo, cobre, bauxite e nitratos, enquanto que o arroz e a borracha natural que produz a Ásia constituem mais de 90% da produção total do mundo. Na América Latina, a região das Caraíbas e países como o Equador, Guatemala e Honduras são famosos respectivamente pela sua abundante produção de açúcar de cana e bananas. Por tudo isto, a região da Ásia, África e América Latina é o ponto fundamental de disputa das duas superpotências pela hegemonia mundial.

Falando estrategicamente, a segunda zona intermédia tem também significado político, económico e militar para as duas superpotências na sua luta pela dominação do mundo. Assim sendo, os países da primeira e segunda zonas intermédias estão submetidos em diferentes graus ao controlo do imperialismo Americano ou do imperialismo soviético; como exemplo, diremos que estes países são como a carne entre os dois bocados de pão que são as duas superpotências, empenhadas ambas em disputar os países das zonas intermédias e devorá-los como se fossem a carne duma sanduiche.

Os movimentos de libertação nacional em vastas regiões da primeira zona intermédia são uma importante força que se opõe às duas superpotências. Os países da segunda zona intermédia, que têm contradições com as duas superpotências e frequentemente não estão satisfeitos com a sua política, também constituem uma força em oposição a uma ou às duas superpotências, força essa que não deve ser desprezada.

Os choques e disputas entre as duas superpotências são a causa principal da intranquilidade no

hemisfério oriental, é o lugar onde convergem os três continentes da Europa, Ásia e África. Conhecida como «a terra dos cinco mares» porque confina com o Mar Cáspio, Mar Negro, Mediterrâneo, Mar Vermelho e Mar Árábico, o Médio Oriente tem sido desde os mais recuados tempos o caminho necessário das comunicações entre o Oriente e o Ocidente. A abertura do Canal do Suez em 1869, «garganta do Médio Oriente», encurtou em vários milhares de quilómetros a travessia marítima entre a Europa e os Oceanos Índico e Pacífico que anteriormente tomava o rumo do Cabo da Boa Esperança na ponta extrema do Sul da África. Como resultado, a região do Médio Oriente converteu-se em nó das comunicações marítimas entre os três continentes. Esta região possui 60% das reservas de petróleo do mundo e dos 14 países ou regiões do mundo que têm cada qual um depósito petrolífero de mais de 1000 milhões de toneladas, seis estão ligados umbilicalmente ao Médio Oriente. Tudo isto faz crescer água na boca às duas superpotências. Para além de rivalizarem na construção de bases militares para materializar a sua feroz ambição de conquistar esferas de influência no Médio Oriente, as duas superpotências também dão o seu apoio ao sionismo israelita revoltando assim as águas do rio na mira do melhor pescado. Põem ao mesmo tempo mel nos lábios e veneno no coração nas suas relações com os países pequenos e médios desta zona, perpetrando agressão, subversão, controlo e intervenção debaixo do rótulo de apoio e ajuda e fazendo destes países objecto dos seus negócios políticos. A actual situação de «nem guerra nem paz» no Médio Oriente tem sido criada inteira e unicamente pelas duas superpotências para satisfazer os seus interesses respectivos.

■ Inimigos comuns do Terceiro Mundo

É claro que onde há opressão há resistência. Como mostra a situação básica da geografia política mundial, sempre que as duas superpotências impulsionem o expansionismo por diversos meios e se esforcem pela dominação mundial, a luta entre a agressão e a antiagressão, a intervenção e a anti-intervenção, a subversão e a anti-subversão e o controlo e o anticoncontro continuará durante um largo período de tempo.

As contradições entre os dois e os países do Terceiro Mundo tornar-se-ão inevitavelmente mais e mais tensas. Hoje os quatro mares agitam-se e os cinco continentes estremecem. A guerra dos três povos indochineses contra a agressão americana pela salvação nacional tem golpeado duramente o imperialismo yanque. Muitos países e povos do Médio Oriente, do Golfo Pérsico (Golfo Árábico) e América Latina tomaram já a dianteira e levantaram-se em luta para defender os seus direitos e interesses nacionais. Ao estudar a experiência da luta dos povos dos diferentes países, devemos também estudar a geografia para nos inteirarmos das posições geográficas, condições e recursos naturais e das possibilidades da produção dos diversos países. Isto nos ajudará a compreender porque é inteiramente justo que os povos dos países pequenos e médios se unam e mereçam a nossa simpatia e apoio.

Quando adquirimos alguns conhecimentos sobre os oceanos, por exemplo, podemos compreender a disposição dos países e povos latino-americanos de aumentarem as suas águas territoriais e áreas pesqueiras para 200 milhas náuticas ao largo da costa e que a luta que desenvolvem a este respeito tenha não só um profundo significado político, como também um grande significado económico. Na América Latina a corrente fria do Peru estende-se pelo menos por 200 milhas marítimas nas águas costeiras do Chile, Peru, Equador e outros países. Estas e outras condições naturais conjugadas fazem com que a região seja riquíssima em peixes e por isso uma das famosas zonas pesqueiras mundiais. O Peru está à cabeça do mundo na pesca, e na exportação de farinha de peixe ocupa mais de 50% da totalidade no mundo. A pesca do atum nas águas territoriais do Equador chega a ser de 20% do total mundial. Mas durante muitos anos os recursos pesqueiros destes países têm sido saqueados pelos imperialistas. O imperialismo norte-americano clama que os EE.UU. estão «autorizados» para pescar onde se encontram peixes. O imperialismo soviético também diz «não» no que respeita ao limite das 200 milhas marítimas. Fazendo tábua rasa dos direitos dos países latino-americanos sobre as suas águas territoriais, as duas superpotências não deixam escapar nenhuma possibilidade de calcar tais direitos.

É totalmente justo que, para proteger os seus recursos naturais e desenvolver a sua economia nacional, os países latino-americanos se unam e capturem os barcos que se entreguem à pesca ilegal nas suas águas territoriais.

Desde o século XV, muitos países colonialistas europeus se entusiasmarão com verdadeiro fervor pela perspectiva de uma «exploração geográfica» nas regiões da Ásia, África e América Latina. Isto foi seguido por escaramuças constantes entre colonialistas motivadas pela conquista e manutenção da

TIMOR

A luta de um povo pela sua independência

O Povo de Timor encontra-se em luta pela sua independência total, no entanto, isso não é visto com bons olhos pelo regime fascista da Indonésia nem pelo Imperialismo internacional. Além da FRETILIN existem em Timor mais dois partidos, a UDT e a APODETI. A FRETILIN defende desde sempre a independência total do território, enquanto os outros dois



partidos, sem qualquer representatividade entre o povo, defendem que a parte da ilha que era colónia portuguesa deve passar a ser colónia da Indonésia, isto é, defendem a integração da parte leste de Timor na Indonésia.

Em 11 de Agosto de 1975 a UDT tentou um golpe de estado imperialista que falhou, pois o povo não lhe deu qualquer apoio, a partir daí verificou-se que quem controlava politicamente o território era a FRETILIN, que representa o povo de Timor em armas.

A FRETILIN derrotou militarmente os grupos UDT/APODETI e, até os representantes do governo português saírem de Timor refugiando-se na ilha de Ataúro. A partir daí tem-se tornado irreversível o caminho da libertação e independência, a Indonésia vendo derrotados os seus aliados toma nas mãos a tarefa de esmagar a vontade de um povo e invade o território de Timor, em 16 de Outubro de 1975.

A propósito transcrevemos o texto de um telegrama da FRETILIN: «Uma coisa é incontestável a nítida invasão da Indonésia, neste momento começou a invasão. Cerca das cinco horas da madrugada de hoje foi feito um ataque generalizado. Alertamos a opinião pública e internacional, apelamos aos governos dos países do mundo, a fim de oporem-se à invasão de Timor-Leste pelas forças Indonésias sob a capa da UDT/APODETI. Essas forças iniciaram hoje ataque cerrado contra toda a região fronteira. Os ataques começaram às cinco horas da manhã de hoje, 16 de Outubro com fogo de artilharia pesada, nomeadamente morteiros e canhões de longo alcance disparados do território Indonésio a fim de cobrir o avanço das forças terrestres».

16 de Outubro de 1975 — 9 horas locais — telegrama da FRETILIN.

Este covarde ataque executado pela Indonésia teve a cumplicidade do governo português, pois quem cala consente, e até hoje o governo português tem mantido o silêncio acerca desta agressão armada contra o povo de Timor. Este ataque dá-se numa altura em que se prepara para seguir para a Indonésia um representante do governo português a fim de negociar com esse país o futuro do povo de Timor, dá-se numa altura

CARTA DE UM PAI

Lisboa, 28 de Setembro de 1975.

À Associação dos Deficientes Militares,

Camaradas e amigos:

Com respeitosos cumprimentos faço a minha apresentação como admirador da vossa luta, até por ter sofrido grandes apreensões por ter dois filhos que lutaram na Guiné e Angola os quais saíram intactos dessa fornalha Fascista que tantas vidas desgraçou.

Tenho acompanhado com grande interesse as vossas reivindicações com as quais me solidarizo com a mesma coragem como se algum dos meus filhos estivessem no vosso doloroso lugar.

Como Português acho que os Deficientes Militares já há mais de um ano deviam ocupar as Quintas dos Melos, Champalimouds, Espíritos Santos, Pintos Magalhães e outro ladrões que foram sacar milhões de contos às Províncias do Ultramar durante 13 anos de luta à custa do sangue dos filhos da pobreza portuguesa.

Como Poeta Popular, eu envio junto um poema para essa Associação fazer uso dele como entender, na qual eu quis revelar pelo bico da pena, o meu parecer (isto não condenando o vosso processo de luta por achar que o processo era mais radical).

Agradeço se resolverem a publicação deste modesto trabalho, anunciarem como autor apenas um Poeta Popular, pois sabem melhor que eu que toda essa «Mafia» presentemente está a postos para mandar liquidar alguém que proponha ir-lhe lembrar os crimes praticados cujo fim era o que acabo de expor, e até talvez despertasse mais simpatia por parte do Povo, por ir tocar a ferida que o VI Governo com tendências (Sociais-Democratas), queira talvez poupar a Alta Finança qual se deve estar a rir e a lambar.

Tenho 65 anos de idade e alguma experiência numa vida de trabalho e sacrifício.

Com amistosas saudações sou um Poeta Popular.

*Grande luta está travada
De Soldados deficientes
Para enriquecer «Dementes»
Têm a vida estragada
A Guerra que foi tramada
Para aguentar o imperialismo...
Ao grande capitalismo
Não se está a pedir nada?...*

*É o Povo que agora paga
Estas indemnizações?
Ninguém pensa em soluções
De se pedir contas à «Praga»
A Guerra só beneficiava
Esses grandes «Tubarões»
Banqueiros e outros ladrões
Não, a quem fome passava*

*Que haja as medidas certas
Corte-se o mal pela raiz
Que se tire a quem não quiz
Acabar com «Acções espertas»
Confisquem contas abertas
As Quintas e Palacetes
Consultem os Balancetes
De falcatruas encobertas*

*Vão-se buscar rendimentos
A quem arrecadou milhões
Para se pagar as pensões
A quem só tem sofrimentos
Não falo nos falecimentos
Da juventude ceifada
Foi tanta vida roubada...
Para se aumentarem proventos*

*Se há uns que estão a gozar
Outros estão a sofrer
Para boa justiça haver
Alguém tem que decretar
Vão rendimentos buscar
A quem não sabe o que tem de seu
Que de milhões o cofre encheu
Com as guerras do Ultramar*

*Foram os filhos da pobreza
Que pagaram com a vida
Para haver vida denegrada
E só festas na «Riqueza»
Que gente bem Portuguesa
Aprove já esta moção
Não deve ser a Nação
A pagar tanta «Vileza»*

Um Poeta Popular

em que o governo português se preparava para «negociar com os grupos UDT/APODETI. Isto não é mais que o resultado da política neo-colonialista dos sucessivos governos provisórios que sempre se negaram a reconhecer ao povo de Timor o direito à separação e completa independência política, económica e cultural.

Muitos patriotas de Timor têm derramado o seu sangue durante estas semanas de luta pela libertação e independência nacional, mas um povo em armas é invencível, por mais dura e prolongada que possa ser a sua luta. E do sangue dos revolucionários caídos redobrarão as energias de um povo que, de pé lutará de armas na mão até a sua independência nacional contra o colonialismo e o imperialismo.

Certos de intrepertar os sentimentos da maioria do povo português, denunciámos este traiçoeiro ataque dos fascistas Indonésios ao serviço do imperialismo internacional. Estamos certos que os sentimentos do Povo Português são bem diferentes das atitudes que estão a ser tomadas pelos governantes portugueses face à dramática situação que o povo de Timor vive.

Terá acabado a Guerra Colonial?

Era o mesmo cenário todos os meses, todas as semanas, talvez todos os dias!

Milhares de jovens eram enviados para além-mar, com a missão de matarem os povos africanos que, nas palavras dos senhores do Governo, queriam usurpar as tradições históricas do povo português.

Homens corajosos, aqueles, que em séculos anteriores, se fizeram aos mares, descobrindo?! Novas terras, e, novas gentes, levando bem longe o nome de Portugal. Era isto, e outras coisas mais, que a criança portuguesa aprendia logo na sua infância, ficando bem vincado no seu ser, a ideia de pertencer a um povo privilegiado no qual estavam integrados santos e heróis. Era assim que o povo português ia sendo enganado através de um esquema político bem organizado do qual o Governo era timoneiro. Timoneiro de uma nau, cujos tripulantes, só sabiam, e podiam obedecer, pois discutir, era assinar a sentença de morte. Assim se foram passando os anos. A fome e a miséria iam semeando o pânico no povo português. Em muitas casas havia fome e choro. Choro, pelo filho que em terras de África tinha morrido ou ficado sem os seus membros, fome, porque o trabalho do homem não dava para o pão dos filhos, nem para a renda da miserável barraca que habitava. Aos poucos, o povo português foi tendo consciência do que se passava, pois, enquanto a maioria trabalhava de sol o sol, não avendo domingos nem feriados, uma minoria, passava os dias usufruindo o fruto do trabalho daqueles que lhe enchiam a pança. Enquanto o tempo ia passando a guerra colonial continuava. Milhares de jovens eram enviados para aquela terrível máquina de fazer mortos. Centenas de jovens iam ficando sem os seus membros, outros, morriam, deixando crianças, os seus filhos, sem abrigo e sem pão. Enquanto tal se passava, o povo português, ia tomando consciência da posição que teria de tomar, perante os acontecimentos. Não era difícil chegar a uma conclusão. Quanto mais miséria havia, mais casas de luxo se erguiam, mais quintas de férias se edificavam, mais carros com motoristas se viam circulando nas ruas. Como era possível? Mas o povo não podia falar. Os que o faziam desapareciam como por encanto. O medo cada vez era maior no seio do povo. A imprensa e a rádio nada diziam sobre a verdade do que realmente se passava, estavam manipulados pela classe dominante que vivia a seu belo prazer, enquanto o povo continuava vertendo o seu sangue.

Porém, o tempo ia passando, as coisas tornavam-se claras, o povo acordava. Ao fim de 48 anos de sono profundo o povo português começava a despertar. Sem que ninguém desse conta chegou a madrugada do dia 25 de Abril de 74. O povo acordava sem saber o que fazer, ou pensar. A palavra democracia e liberdade soavam bem alto nas telefonias. O povo enquanto a manhã se aproximava foi tomando consciência. As suas ideias confundiam-se com as lágrimas que lhe corriam pelas faces. Essas lágrimas não eram as mesmas que tinha vertido durante o fascismo. Estas eram lágrimas de alegria. O sol ia despontando. O horizonte descobria-se, as nuvens negras dissipavam-se. A manhã do 25 de Abril chegou recebida com cânticos revolucionários e cravos vermelhos.

O povo começava a edificar uma grande vitória quase sem dar conta. O povo e os militares começavam a derrubar o regime que durante anos a fio tinha oprimido o povo português. As pessoas saíam para a rua. Os sorrisos de uns confundiam-se com as lágrimas de outros. Era dia de festa. O que a princípio parecia sonho começava a transformar-se em realidade. Já manhã alta os carros de combate serviam de transporte à multidão que alegremente neles se fazia passear. Todos eram felizes. O fascismo, palavra nunca dantes pronunciada em solo português, começava a desaparecer.

Ano e meio é passado desde o 25 de Abril. Numa cama, numa das enfermarias do Hospital Militar Principal (Anexo) vou deixando deslizar a caneta. Recordo o que se

tem passado durante todo este tempo, recordo os momentos felizes porque tem passado o povo português, e, que em 50 anos não teve oportunidade. Recordo as mudanças efectuadas no nosso país, penso nas crianças que não ficarão mais sem pai, penso nos jovens que não ficarão mais tempo longe dos seus, não perderão mais membros, não encherão mais cemitérios, não esgotarão mais hospitais. Tudo isto acabou?!!!

Mas terá acabado a guerra colonial? Acabaram os tiros? Acabaram os embarques? Mas as consequências dessa maldita guerra? Ali, à minha frente, vejo uma perna artificial substituta de uma que em terras de África ficou; mais à frente noutro quarto, ouço os gemidos de alguém pedindo ajuda. São 23 horas e meia; há muito passou o ho-

rário dos médicos e dos enfermeiros. Na mesinha de cabeceira estão os medicamentos que aliviarão as dores por algum tempo, mas voltarão. Lá fora, a grande Lisboa começa a viver mais um fim de semana. Ouvem-se as vozes das pessoas passando na rua. O sábado e o domingo aproximam-se. Existem os cafés, as casas de cinema, as pessoas começar a gozar o seu fim de semana. Continuo ouvindo os gemidos, ninguém acode. O tempo vai passando, os gritos vão enfraquecendo, a voz torna-se mais sumida. Mais uma noite de sofrimento está em vista. Na solidão do meu quarto, o meu cérebro vai trabalhando, sim, o meu cérebro ainda funciona. Recordo o tempo que passei em África, lembro alguns camaradas meus que não tornarei a ver, as lágrimas deslizam vagarosamente pelas minhas faces, a revolta cresce dentro de mim, as minhas ideias confundem-se com os gritos que novamente se voltam a ouvir. Nada a fazer, os gritos desaparecerão; não interessa sofrer. É noite. O horário dos médicos e enfermeiros é só até às 17 horas, amanhã, talvez o senhor doutor venha perguntar como foi passada a noite. Será recomendada calma. Os conhecimentos teóricos do senhor doutor serão mais uma vez postos à prova. Mais medicamentos virão, o tempo que vão demorar não interessa. O doente ficará entretido pensando nos medicamentos que virão aliviá-lo a dor. Começo a ouvir o ruído ensurdecedor de um avião que se aproxima, voando a baixa altitude, os meus pensamentos dissipam-se com o ruído dos potentes motores, o ruído começa a perder-se na distância, eu já não choro, já não penso, a guerra colonial deixou de existir na imensidão das terras africanas, agora existe no centro da nossa capital um recinto murado a toda a volta, ao qual dão o nome de Hospital Militar. Militar, é. Será hospital? Eu sei que não é, isso sim, uma reserva das grandes vítimas das guerras coloniais, que depois de pernas, braços, e olhos perdidos, ainda são úteis para os senhores doutores treinarem. Da repressão exercida pelos srs. oficiais, dignos portadores das cruzes de guerra, conquistadas brilhantemente no campo de batalha (!!) passou-se à repressão exercida pelos senhores de bata branca e galões ao ombro. Deixaram-se de ouvir as armas, as mesmas foram substituídas pelos terríveis canhões humanos, que não hesitam em cortar mais uma perna, em decepar mais um braço, em traumatizar mais uma cabeça. Agora não se torna necessário correr atrás da caça. A vítima agora não tem pernas para fugir, não tem olhos para ver, resta-lhe somente um pouco de carne para ser dilacerada pelos vampiros formados. A Medicina tem de avançar, para tal são precisos sacrifícios, nada melhor que aqueles que já sentem no corpo as marcas da guerra fomentada pelo verme e vergonhoso ser humano. A porta da enfermaria abre-se dando passagem a dois jovens; um, de cadeira de rodas, o outro, sem uma das pernas. Seres humanos utilizados por uma classe, que, de variadas formas, não olha a meios para alcançar os seus fins. A minha cabeça começa a inclinar-se aos poucos, os olhos cerram-se, mas a pergunta não sai do meu cérebro: *Terá acabado a guerra colonial?*

A REABILITAÇÃO NA ALEMANHA

A carta que seguir transcrevemos, foi-nos enviada da cidade alemã de Braunfels pelos três camaradas Deficientes, que se encontram nesse País a fazer uma visita de estudo, a clínicas e outros centros de reabilitação e recuperação para Deficientes.

Esta visita de estudo, tem como finalidade a assimilação, por parte dos camaradas que a fazem, de conhecimentos com vista a poderem colaborar activamente numa futura política de recuperação e reabilitação de todos os DFA a levar a cabo pelo governo com a interferência da ADFA.

CAMARADAS:

Só agora vos escrevemos, pois não o queríamos fazer sem que tivéssemos boas e bastantes novidades para vos dar, na verdade temos visto Centros e Clínicas de um nível que cremos ser o ideal para que qualquer deficiente se reabilite, tanto no sector da saúde como no sector profissional, claro que tudo o que temos visto e tudo o que nos tem sido explicado é duma complexidade tal, que para pudermos, um dia, possuir, Centros comparados com os que existem aqui, é necessário fazer grandes pressões e travar uma luta enorme com vários sectores governamentais para que se transformem muitas leis e estruturas em que ainda se amparam todos os resíduos de uma sociedade oportunista.

De tudo o que temos visto para a reabilitação de deficientes, é muito difícil dar uma ideia da sua qualidade e da sua resultabilidade, só por palavras, pois é de facto o sonho de todo o deficiente português, civil ou militar, razão que nos levou a colher elementos que possam ser mostrados de modo mais saliente, tais como: boletins, folhetos e estatísticas de todos os Centros visitados, e uma colecção de slides de todos os aspectos mais significativos que nos foram dados a conhecer.

Visitámos um Centro de Reeducação Profissional com uma capacidade de 1050 doentes (algo de fabuloso), que consiste em educar o deficiente (cego, surdo, amputado, parapléxico ou doente mental), para uma nova profissão, quando ele fica incapaz de trabalhar na antiga, e fizemos os contactos ne-

cessários para que quando quisermos e necessitarmos, termos à nossa disposição cursos profissionais para 10 a 20 deficientes, cursos que normalmente demoram 3 anos, a oferta é deveras tentadora, pois além de oferecerem o curso, oferecem também alojamento e alimentação gratuitas. Podemos acrescentar que tanto os alojamentos como a alimentação são de uma qualidade excepcionais (os quartos são individuais e a comida é excelente).

Num outro Centro de Acidentados de Viação (Unfallkrankenhaus — HAMBURG) onde o Carlos Noivo teve a sua recuperação em 1966, tivemos também a oferta para dois cursos de fisioterapia de parapléxicos e amputados, estes também gratuitamente e com alojamento e comida.

Estes e mais alguns, os nossos contactos até 1 de Setembro.

Na semana de 1 a 7 de Setembro, estivemos em visita numa Clínica de Neurologia que mostra o quanto de útil se pode fazer por doentes mentais ou com traumatismos craneanos.

Os resultados obtidos são tão estrondosos que nestes poucos dias que lá estivemos ficámos deveras impressionados com a recuperação de doentes que em Portugal estariam condenados a viver da caridade e a serem o alvo de toda uma sociedade decadente...

Hoje chegámos a uma outra Clínica de Neurologia e ainda não tivemos tempo de ver nada, pelo que só mais tarde estaremos habilitados a fornecer outras indicações que acharmos úteis e preciosas.

Por agora terminamos, enviando um abraço para todos os camaradas associados, e não só, e esperamos poder em breve estar junto de vós na nossa Associação.

Saudações Revolucionárias

P.S. — Se possível, gostaríamos que isto fosse lido numa reunião de terça-feira e que fosse publicado no nosso jornal ELO.

**LEIA,
ASSINE E
DIVULGUE O ELO**

A REVOLUÇÃO CULTURAL

MARCO ESSENCIAL NO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO POPULAR

Nas sociedades assentes na exploração capitalista, a assistência médica e hospitalar e os produtos farmacêuticos servem apenas para aguentar vivos e em condições de produzir, as classes trabalhadoras mais desfavorecidas. Em resumo, a medicina não está ao serviço das classes populares.

Um exemplo flagrante é o caso das inúmeras especialidades farmacêuticas existentes no mercado, que na sua quase totalidade são produtos extraídos de outros já à venda, mas que tomam designações diferentes para se furtarem ao pagamento de impostos. Para além disso, todas elas antes de serem postas em circulação nos mercados do país de origem, geralmente os Estados Unidos da América do Norte, são testadas nos países dependentes dessa superpotência que assim se utiliza duplamente das classes exploradas para levar a cabo, na ânsia do lucro, as experiências necessárias ao conhecimento de todos os malefícios resultantes de uma aplicação de produtos cujos efeitos se ignoram.

Contra este tipo de medicina, a que se chama sintomática, isto é, que trata só os sintomas da doença, adormecendo-a com produtos químicos, têm-se desenterrado e investigado, especialmente nas sociedades socialistas, os métodos curativos naturais e populares cuja aplicação não é prejudicial além de ser bem aceite pelo povo que em muitos casos já a praticava empiricamente.

É assim necessário e urgente desenterrar os tesouros da cultura popular também em Portugal, lutando contra quaisquer interesses comerciais que se queiram sobrepor à saúde e bem-estar do povo, todavia, enquanto não se efectua qualquer diligência séria nesse sentido, achamos correcto divulgar textos que contribuam para o conhecimento da existência de outros métodos curativos como aquele de que trata:

O LIVRO DE ACUPUNCTURA DO IMPERADOR AMARELO

Até 1949, era dificilmente previsível que os métodos terapêuticos baseados nas antigas teorias orientais da filosofia universalista e descritos nos Clássicos Chineses pudessem sobreviver, resistindo ao impacto da moderna, mas deficiente ciência médica. Mas, não só sobreviveram, como registaram um vigoroso renascimento na China, o seu país de origem, de onde se difundiram para quase todo o Mundo, penetrando pela França no mundo ocidental.

A fantástica revivescência da medicina tradicional na China de hoje e principalmente a utilização da acupunctura, método curativo obtido pela introdução indolor de pequenas agulhas em pontos específicos do corpo humano, resulta de duas causas principais: uma é o plano geral da República Popular para a preservação da herança cultural nacional, outra resulta de uma abordagem realista das condições médicas existentes.

Torna-se, portanto, necessário dar a conhecer em língua portuguesa estes métodos altamente apreciados pelo povo trabalhador, visto que são simples, seguros, aplicáveis em numerosos casos, de efeitos rápidos e duradouros e muito mais económicos.

Nesse sentido e no âmbito de uma orientação editorial que visa contribuir para a divulgação de ramos paralelos do conhecimento, procedeu-se à tradução dos primeiros 34 capítulos do texto que constitui o LIVRO DE ACUPUNCTURA DO IMPERADOR AMARELO (Huang Ti Nei Ching Su Wên) que se reveste de grande importância para o esclarecimento de questões respeitantes aos fundamentos teóricos da medicina tradicional chinesa, que vem sendo aplicada em grande escala em alguns países, simultaneamente com os métodos terapêuticos ocidentais.

OUTROS TEXTOS TRADICIONAIS

A ANESTESIA PELA ACUPUNCTURA

(Edições de Pequim em Língua Estrangeira)

A acupunctura, método curativo tradicional chinês, tem sido aplicada na China conjuntamente com a medicina ocidental em operações de pequena, média e alta cirurgia, com resultados extraordinários.

Simultaneamente, os médicos e cientistas chineses desenvolveram e aperfeiçoaram um método revolucionário de anestesia pela acupunctura, do qual se dá conta neste panfleto ilustrado, onde se incluem artigos concebidos a partir de experiências concretas levadas a cabo nos estabelecimentos hospitalares da República Popular da China.

TEORIA NOVA DA ANTIGUIDADE

por SAMPAIO BRUNO

Este texto inédito até aos nossos dias e que, a avaliar pelo que o autor nos diz, julgamos incompleto, é constituído por um grupo extractos publicados entre Outubro de 1912 e Agosto de 1913, por aqui e por ali em jornais e revistas.

Nele Bruno tenta, com êxito (a partir da análise do Canto XII da *Odisseia* de Homero e do *Prometeu Agrilhoado* de Ésquilo, que constituem os Apêndices deste livro), demonstrar que o Sr. Victor Bérard, um perito em Homero e «especialista da ciência rotineira» se equivoca redondamente ao afirmar na sua obra *Les Phéniciens et l'Odyssee* que as via-

A FINALIDADE DA EDUCAÇÃO

Se, ao longo da história da humanidade, passamos em revista os ideais educativos que cada época propõe para a «formação» do homem, notaremos que, sempre, todos eles têm como finalidade tornar o homem mais apto para a realização dos planos concebidos, também em cada época, para organizar a sociedade em novos moldes. A pedagogia, é pois, neste sentido, um instrumento da política. É possível também que, posteriormente, se chegue à conclusão de que tal propósito educacional, posto em determinada época, em vez de tender para a finalidade última da educação, tornar o homem humano, ficou muito longe de a atingir, se é que dela se não afastou. Mas isto é um outro caso, cuja motivação deixaremos agora de parte.

Poderia parecer, e assim se tem julgado, que, sendo o homem sempre o mesmo, a educação se deveria limitar, de uma vez para sempre, a firmar e a aplicar os seus princípios, também naturalmente sempre os mesmos. Mas não é assim. Se o homem é sempre o mesmo, enquanto participante da natureza, ele é também sempre diferente, porque nele algo se manifesta diferentemente, conforme os estímulos que lhe oferece o mundo circundante e o programa que lhe traça a época em que vive. Porém, o que torna o homem diferente do seu semelhante das épocas passadas e futuras não são apenas os estímulos provenientes do mundo exterior nem só os programas de natureza social que a sua época lhe propõe. Ele mesmo é diferentemente dotado, quer para a compreensão dos valores que em si mesmo descobre e pretende realizar.

Se, de facto, nos seus interesses vitais, o homem se assemelha ao homem, porque a vida a todos manifesta as suas exigências, já o mesmo não sucede na forma mais ou menos profunda como ele toma consciência dessas exigências. Enquanto a vida o identifica com os outros, a consciência e um princípio de individuação que o distingue e o separa desses mesmos com que a vida o mantém solidário. A consciência torna o homem indivíduo, isto é, desagrega-o do fenómeno comunitário da vida animal. E é neste momento, quando o homem revela em si o princípio individualizante de consciência, que a educação começa a ter sentido. Mas a consciência é, no homem, apenas um suporte. Na medida em que o

homem toma consciência daquilo que o separa daqueles com quem convive e também daquilo que aos outros o une, surge nele o interesse de compreensão da sua situação relativamente ao seu mundo.

E assim nele se manifesta o que só nele se pode revelar e é típico do homem: o espírito. Mas o espírito não se manifesta em todos com mesmo grau de intensidade e profundidade. Daí a possível classificação dos homens em determinados tipos para os quais a educação propõe desígnios adequados. A pedagogia pressupõe sempre, claramente ou não, uma tipologia humana. Cada homem tem diferentes possibilidades de ordem vital que condicionam a sua forma de pensamento e conformam os seus conteúdos de consciência que, por sua vez, lhe permitem a melhor ou pior compreensão do espírito objectivo da cultura de que faz parte. Como é sabido, uma cultura diferencia-se de outra pelos valores que a orientam; isto, que muitas vezes é difícil de notar em momentos sucessivos da história, é claro quando escolhemos para termos de comparação culturas afastadas no tempo: a cultura grega era animada por valores diferentes dos que orientaram a cultura medieval e a cultura contemporânea, mas a educação, apesar desta mutação de valores, mantém sempre a mesma finalidade: inserção do indivíduo na cultura de que ele organicamente faz parte.

Ou, em outra linguagem: a educação pretende adaptar o espírito subjectivo ou individual, mais ou menos rudimentarmente manifestado, ao espírito objectivo, histórico, do meio, povo ou raça em que o indivíduo surgiu. É bem de ver que, conquanto não encontre o meio de relação com a cultura da sua época. Em resumo, pode dizer-se que a educação tem por finalidade favorecer o trânsito do indivíduo à pessoa e, porventura, à personalidade. Mas como? Propondo valores e métodos de realização desses valores, tendentes a criar o tipo de homem conveniente e útil à ordenação social vigente ou em elaboração. Como esta, porém, é mutável, também os métodos e processos educativos vão mudando, embora fundamentalmente algo permaneça como desígnio último da educação: a formação da pessoa moral.

«Diário Popular», 28-2-43

DELFIN SANTOS

gens de Ulisses se desenrolaram no Mediterrâneo. Estas realizaram-se sim, mas no Oceano Pacífico e na América do Norte, o que invalida do ponto de vista homérico as descobertas de Schliemann, pois sendo assim a Europa lançada contra a Ásia na guerra de Tróia... é a América do Norte!

«Com efeito, afirma Bruno, os Antigos não conheceram esses países, mas conheceram-nos outros Mais Antigos, de cujas notícias os Antigos se serviam sem saberem do que estavam discorrendo e adaptando-as erroneamente aos países que conheciam e onde viviam.»

A GEOGRAFIA E O IMPERIALISMO

(Continuação da pág. 3)

terra e de esferas de influência nestas regiões. Depois da Segunda Guerra Mundial, nos 24 anos entre 1946 e 1969, os EE.UU. roubaram 23 490 milhões de dólares só na América Latina com os seus investimentos directos. Desde os anos 60, o imperialismo soviético tem vindo também a efectuar frenética expansão e agressão na Ásia, África e América Latina. Em começos de 1971, já metia a pata em 353 empresas e obras nos países desses continentes. A agressão das duas superpotências tem ocasionado uma enérgica oposição dos povos desses países.

■ Crítica da geografia burguesa

A geografia é uma ciência que encerra uma clara natureza de classe. Alguns «geógrafos» da Rússia czarista diziam abertamente que o estudo sobre a geografia deveria andar de «mão dada» com a política dos czares e «marcharia à frente da linha fronteiriça». Este conceito geográfico baseava-se numa «teoria» que serviu de panaceia até final do século XIX, a «teoria» de que o desenvolvimento social depende fundamentalmente de o meio geográfico ser bom ou mau. Deste conceito derivam outros conceitos geográficos tais como a «geografia humana» e «geopolítica».

Nos Estados Unidos existe a chamada «geografia da fome», que alega que a fome e a miséria dos povos da Ásia, África e América Latina são o resultado da escassez de terras convenientes para o crescimento das culturas agrícolas, do mau clima e da carência de recursos naturais e demasiadas montanhas e mesetas, etc. Claro que é o contrário que é verdadeiro: as regiões da Ásia, África e América Latina não só abarcam uma vastíssima extensão de território, como também abundam em recursos naturais. A fonte da opulência dos países imperialistas é precisamente a Ásia, África e América Latina e outras regiões.

A teoria de «lebensraum» (espaço vital), núcleo da geopolítica, é geografia imperialista numa outra forma. Esta teoria utiliza as condições geográficas como base para formular a política exterior de uma nação. Grita fanaticamente que a ilimitada expansão do lebensraum (espaço vital) é a lei inevitável no processo de desenvolvimento do organismo estatal. Foi segundo esta lógica que Hitler não só incluiu a maior parte da Europa na sua esfera de «lebensraum» mas também enviou as suas tropas para a África.

O imperialismo norte-americano também fez grande esforço para propagar a «sua» «teoria de ocupar o vazio de poder» nos anos 50. Esta teoria, em essência, nega o direito e força do povo numa região determinada para decidir do seu próprio destino, e insiste em dividir o mundo em várias esferas de influência no interesse dos países capitalistas. Hoje em dia, baseando-se nesta teoria, as duas superpotências sonham chegar a ser as donas do mundo. Seguindo a velha «política das canhoneiras» imperialista, o imperialismo soviético está enviando as suas frotas para o Mediterrâneo e para os Oceanos Índico, Pacífico e Atlântico tentando por todos os meios estabelecer a hegemonia mundial.

Entrevista a um Deficiente de Viseu

(Com a devida vénia, transcrevemos do «Jornal Viseu, 25 de Abril», uma entrevista dada a esse jornal por um D. F. A.):

O que é a ADFA? Os seus objetivos, dificuldades, apoios, trabalhos realizados e a realizar, foram, entre outros, temas de uma conversa que tivemos com um elemento da Associação sr. Almiro Pais Correia. Como é de conhecimento público a Associação está a funcionar em Viseu na Rua Miguel Bombarda, 66-r/c. Jornal Viseu, 25 de Abril, fez uma pergunta:

O que é a ADFA (Associação dos Deficientes das Forças Armadas) e a que se destina?

«É uma associação dos deficientes das Forças Armadas. É uma instituição com fins sociais e humanitários formada depois do 25 de Abril, porque como sabem antes era impossível — e aí de quem tentasse numa coisa destas! — destinada a defender, reabilitar e integrar na sociedade todos os deficientes das F. A. e familiares dos falecidos, VITIMAS INOCENTES DA INJUSTA E CRUEL GUERRA COLONIAL.

Iniciámos a actividade em Maio de 1974 com um grupo de pessoas mais esclarecidas que com o decorrer do tempo transmitiu o âmbito da Associação a nível nacional. Começámos em condições precárias servindo-nos de duas ou três salas do Palácio da Independência que mais tarde ocupámos totalmente. O trabalho desenvolvido até este momento tem sido enorme, pois os casos de injustiça praticados durante o regime fascista são na ordem de milhares, em relação a deficientes e familiares de falecidos».

Tiveram dificuldades a nível de Viseu?

«Temos deparado com imensas dificuldades. Inicialmente não conseguimos arranjar instalações adequadas para o exercício da nossa actividade, portanto, prejudicando-se, assim, centenas de famílias que vivem em condições lamentáveis de gritantes injustiças. Depois conseguimos alugar uma casa na rua Capitão Silva Pereira, onde permanecemos alguns dias, até termos conhecimento que o r/c da casa sita na Rua Miguel Bombarda, 66, estava desocupada e que oferecia melhores condições, principalmente para deficientes com muletas ou cadeiras de rodas. Mas as dificuldades continuam porque o senhorio teima em não alugar a casa, não apresentando justificação mais válida que os fins a que se destina esta associação».

Quais os vossos trabalhos?

«O nosso trabalho como atrás referi iniciou-se um pouco tarde devido às dificuldades encontradas, mas em pouco tempo já fizemos algo de muito válido.

O principal problema com que deparamos é a falta de esclarecimento da maior parte dos deficientes e familiares de falecidos, principalmente o desconhecimento de existência da associação e das regalias a que têm direito. Pensamos que o esclarecimento a prestar a essas pessoas é muito importante. Estamos também a resolver pelas vias normais, burocráticas, os problemas daqueles que ao serviço do capitalismo pagaram com o seu corpo os erros de um regime opres-

sor e devastador e que pretendia esconder da sociedade as vítimas desses erros que, na maior parte dos casos, por negligência de algumas pessoas responsáveis nessa altura, até ao momento não recebiam qualquer pensão.

Estamos também a proceder a um levantamento a nível nacional para encontrarmos números mais exactos de deficientes e falecidos, embora segundo cálculo aproximado sabemos que existem cerca de 30 000 deficientes e onze mil mortos. A nível distrital temos conhecimento que o número de deficientes ronda um milhar e falecidos cerca de 600.

A maior parte destes deficientes não recebem qualquer pensão, bem como a maior parte dos familiares dos falecidos.

No momento a Associação dos Deficientes das Forças Armadas luta para acabar com essas situações deploráveis, já que actualmente foram criadas condições para a resolução desses problemas em virtude da liberdade de associação e também pelo apoio que temos recebido do Conselho da Revolução da maior parte dos Ministérios e do Movimento das Forças Armadas».

Têm tido apoio por parte da população?

«Devido ao obscurantismo a que a população neste distrito e outros foi submetida é um pouco difícil fazer chegar a nossa voz para que o apoio possa ser espontâneo e sem haver intenção paternalista e caridosa.

Daqui apelamos para todas as pessoas conscientes e progressistas deste distrito, para que facilitem o nosso trabalho e nos dêem o seu apoio de uma forma concreta e objectiva.

Sabemos de antemão que iremos encontrar pessoas que tentarão criar entraves e até deturpar tudo aquilo que estamos a fazer para bem daqueles que sentiram mais directamente na sua carne os EFEITOS DE UMA GUERRA ASSASSINA.

Voltando a falar do nosso trabalho, criámos secções de procura e oferta de emprego, reabilitação e actividades culturais e educativas, estando neste momento a ser ministrados os seguintes cursos: Primário, Liceal, Industrial, Comercial e Formação Profissional, etc..

E apoio a nível geral?

«Temos tido bastante apoio da população principalmente das classes trabalhadoras e daqueles mais

desfavorecidos, como camponeses, agricultores, assalariados agrícolas e outras».

Esta associação tem recebido apoio dos partidos políticos?

«Sim, temos recebido apoio de alguns partidos políticos e entretanto outros ignoram a nossa existência».

Foram estas as declarações de um deficiente das Forças Armadas.

MOÇÃO DE APOIO À LUTA DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS

Da Escola de Enfermagem da Fundação Calouste Gulbenkian, de Lisboa, recebemos a seguinte moção:

Os Trabalhadores da Escola de Enfermagem Calouste Gulbenkian de Lisboa, reunidos em Plenário no dia 20 de Outubro, solidarizam-se com a luta dos Deficientes das Forças Armadas, pelo direito ao trabalho e contra a exploração.

Todos nós sofremos, durante uma dezena de anos, as consequências da guerra colonial, mantida pelo governo fascista contra os Povos Africanos que aspiravam à sua libertação. Presentemente, e apesar de independentes a maioria das ex-colónias, o Povo Português sofre ainda as consequências dessa criminosa guerra, nomeadamente aqueles que ficaram deficientes e que não são as vítimas mais directas.

Assim, apoiamos integralmente a justa luta dos camaradas deficientes das Forças Armadas, certos de que alcançaremos a vitória.

Editorial

(Continuação da pág. 1)

tarem uma guerra que era apenas política. Se é sequestro a tentativa da prática do diálogo, os Deficientes das Forças Armadas sequestrarão todos os governos que se neguem à justiça do diálogo e que pretendam impor a ordem pela violência (de chaimites), como ditadores, e que em vez de criarem a paz e de resolverem problemas, criam o estado de exasperação pela repressão imposta e lançam sementes que germinam novos actos de violência.

Assinar o «ELO» significa estar de acordo com um conjunto de ideias e sobretudo apoiar os Deficientes na SUA LUTA

Recorte e envie para o JORNAL «ELO» — Palácio da Independência — Largo de S. Domingos — LISBOA

QUEIRAM CONSIDERAR-ME ASSINANTE DO VOSSO JORNAL

NOME

MORADA

ANUAL 100\$00

SEMESTRAL 50\$00

Marque com um X no quadrado respectivo.

NOTICIÁRIO

■ AS DELEGAÇÕES COMEÇAM A RESPONDER AO NOSSO APELO

Em resposta ao nosso apelo às delegações para que nos ajudem enviarem material para publicação no nosso ELO, recebemos uma carta da nossa delegação de V. N. de Famalicão que é um exemplo que esperamos seja seguido por todas as delegações e associados, pois para que o ELO reflita realmente toda a vida associativa e expansão da ADFA sem desvios desta ou daquela corrente política é necessário que seja feito por todos e não por uma ou duas pessoas encerradas nas quatro paredes da sala de redacção.

Camaradas:

Em resposta à v/ circular recebida nesta Delegação de V. N. de Famalicão em 28-10-75, na qual era solicitado uma posição sobre o conteúdo e estrutura do ELO, bem como a forma de participação das Delegações já existentes, na n/ reunião de 30 de Outubro p.p., ficou deliberado o seguinte:

a) O Jornal ELO tem enfermado, salvo o devido respeito, por uma determinada corrente política e, tem-se afastado da sua função, que consiste quanto a nós na ligação e esclarecimento aos sócios, sobre a actividade desenvolvida pela Sede e não só;

b) Parecem-nos bastante pertinentes os últimos artigos inseridos nas recentes publicações do Jornal ELO, em especial os que narravam toda a luta travada pelos D.F.A. e aquele no qual vinha transcrito o projecto de Decreto-Lei. Achamos conveniente a continuação desta linha de rumo, não só para perfeito conhecimento dos deficientes da luta que se está a travar mas também do Povo Português;

c) As delegações deverão enviar ao ELO quinzenalmente um relatório das actividades desenvolvidas, bem como artigos escritos pelos Deficientes e entrevistados efectuadas aos mesmos deficientes sobre a vida da ADFA. Sempre que possível as Delegações devem recorrer a entrevistas efectuadas ao Povo Português, trabalhador, bem como artigos achados convenientes.

■ DELEGAÇÃO DO PORTO — POSTO CLÍNICO

Montado para dar assistência médica e medicamentosa aos associados da ADFA que não têm qualquer tipo de Pensão do Estado.

A assistência médica é garantida por 56 médicos, de 17 especialidades médicas diferentes: Análises Clínicas; Cardiologia; Dermatologia; Endocrinologia; Estomatologia; Gastrenterologia; Ginecologia; Medicina (Clínica Geral); Medicina Física e de Reabilitação; Neurologia; Obstetrícia; Oftalmologia; Ortopedia; Otorrinolaringologia; Pediatria; Pneumotisiologia; Psiquiatria; Radiologia e Urologia.

No Posto Clínico da ADFA, são feitas as consultas de Medicina (Clínica Geral) e Medicina Física e de Reabilitação. As restantes consultas são dadas nos próprios consultórios dos médicos especialistas ou em clínicas da cidade do Porto.

Toda a assistência médica é gratuita, tanto para a ADFA, como para os nossos associados.

A assistência de enfermagem é assegurada, pelos alunos e alunas da Escola de Enfermagem da Santa Casa da Misericórdia, que se revezam por turnos.

A assistência medicamentosa tem sido possível graças ao auxílio de todos os laboratórios de medicamentos e produtos farmacêuticos e ainda devido às ofertas de diversos médicos.

Todo o material que equipa o Posto Clínico, salvo alguns «ferros de pequena cirurgia» e outro material foi totalmente oferecido pelas casas de artigos para medicina.

O Posto Clínico foi equipado e colocado a funcionar em quatro semanas. Durará mais um mês a sua completa organização burocrática, infelizmente indispensável, mas podemos já assegurar que o esquema administrativo-clínico será exemplar.

Resta dizer que não obtivemos qualquer tipo de auxílio, embora o tivéssemos solicitado, por parte do Laboratório Militar e do HMR-1.

Recusaram-nos tudo o que pedimos e que visava, material e simplificação burocrática em internamentos, consultas no HMR-1 e assistência medicamentosa.

O Posto Clínico apenas obrigou à admissão de um funcionário de serviços administrativos e o seu funcionamento não ocasiona grandes despesas, graças às ofertas que sempre nos vêm fazendo.

N. da R. — Segundo notícias que nos chegaram posteriormente, é provável que a admissão deste funcionário não se venha a concretizar, em virtude dos outros trabalhadores da Delegação se prontificarem a fazer mais uma hora de trabalho todos os dias para fazer face ao aumento de trabalho que houve, com a entrada em funcionamento do Posto Clínico.

A seguir transcrevemos a 1.ª circular sobre o funcionamento do Posto Clínico.

CIRCULAR N.º 1

Camarada:

Face à situação degradante de miséria e falta de assistência em que vivem muitos milhares de camaradas nossos, Deficientes e suas famílias, não considerados pela legislação vigente como abrangidos pelas disposições que nos concedem a assistência médica e medicamentosa, entre outras, decidiui esta Associação (Delegação do Porto), pôr em funcionamento um serviço de Consultas Internas de Medicina e de Medicina Física e de Reabilitação e de Consultas Externas de especialidades.

O nosso intuito é o de colmatar-mos, ainda que transitoriamente, tão gritante injustiça, enquanto, por outro lado, continuaremos a lutar pela aprovação do Projecto de Decreto-Lei que os governantes, civis e militares, do nosso país se obstinam em negar-nos e que regulamentará o conceito de Deficientes das Forças Armadas, seu âmbito e materialização da assistência económica e social que compete ao Estado proporcionar a todos os cidadãos.

Face aos objectivos acima expostos e atendendo à actual situação económica da Associação, enten-

deu-se necessário regulamentar, da forma seguinte, o acesso às já referidas Consultas, uma vez até, que a assistência médica se processará gratuitamente, quer para ADFA, quer para os associados e suas famílias.

1.º — A assistência médica, na ADFA, destina-se especialmente aos associados e suas famílias que ainda não sejam Pensionistas do Estado, nem dele auferam qualquer tipo de assistência.

2.º — O direito à assistência médica, na ADFA, é conferido a todos os associados e suas famílias, desde que à data da consulta tenham a sua quotização em dia.

3.º — A fim de que se possam garantir consultas nos Médicos Especialistas, torna-se necessário que os nossos associados interessados efectuem a marcação da consulta que pretendem, com a maior antecipação possível e, directamente na Secretaria da ADFA — Rua Pedro Hispano, 1105, PORTO.

4.º — Como é natural, e pelas justas razões já anteriormente aduzidas, os associados e suas famílias mencionados no 1.º) desta Circular, terão sempre prioridade de vaga nas consultas, exceptuando-se logicamente os casos de reconhecida urgência.

5.º — No dia em que desejam ser consultados ou que lhes foi marcada a consulta, deverão os associa-

dos interessados, ou seus familiares, apresentarem-se na Secretaria da ADFA, 1 (uma) hora antes do início da consulta, para preenchimento de Credenciais e outra documentação.

6.º — Na ADFA (Delegação do Porto), funcionarão apenas as Consultas Internas: Medicina e Medicina Física e de Reabilitação.

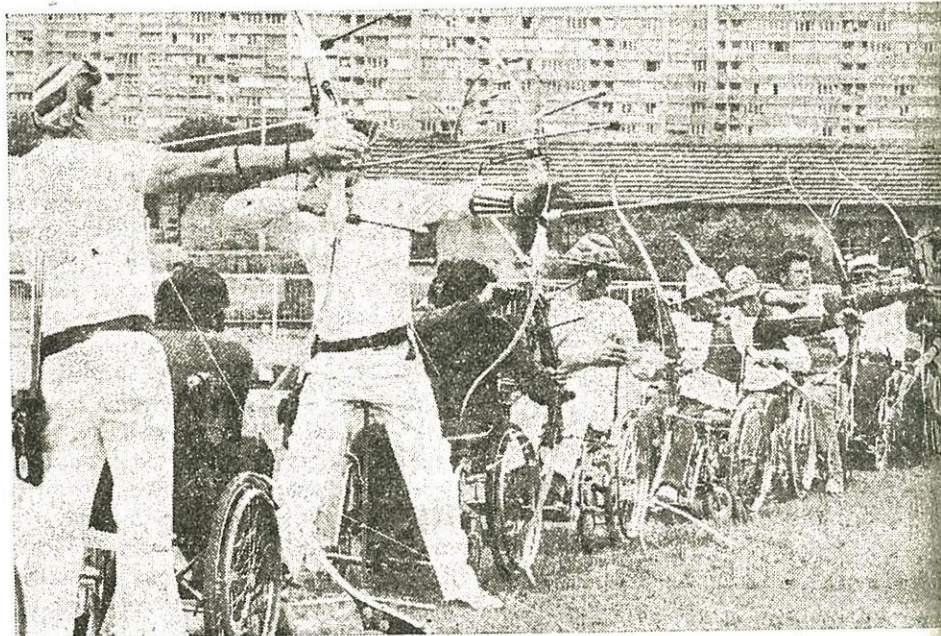
As Consultas Externas, de especialidades, pelo seu próprio carácter serão asseguradas nos Consultórios dos Médicos Especialistas.

7.º — O início das Consultas Internas será no dia 27 de Outubro de 1975.

8.º — Apesar do valioso auxílio dos Laboratórios de Produtos Farmacêuticos, a ADFA não poderá garantir, como seria seu desejo, a assistência medicamentosa, pelo que apenas serão concedidos os medicamentos que, no momento, existam em «stock».

■ OFICINA DE CARPINTARIA

Porque a ADFA, precisa não só de fontes de receita, mas também de criar aquilo que poderá vir a ser o esqueleto de toda uma rede, que terá que ser criada, de centros de trabalho protegido, para a ADFA e não só, pois eventualmente e no futuro poderão vir a ser integrados nesses centros de Deficientes Civis. A Delegação da ADFA no Porto, aproveitando umas dependências que não estavam a ser usadas, decidiu restaurá-las e melhorá-las para montar uma oficina de carpintaria e marcenaria, onde poderão ser feitos ou restaurados os móveis daqueles que solicitem os serviços à respectiva oficina.



TIRO AO ARCO

O tiro ao arco é um desporto que neste momento está a ter um grande desenvolvimento no nosso país. Como para a expansão deste desporto é necessário grande número de pessoas responsáveis, para a formação de núcleos, foi feito um convite a trabalhadores da ADFA para tirarem o curso de animadores de tiro ao arco. A este convite responderam três DFA aceitando, dois desses deficientes são paraplégicos, e o terceiro é amputado da perna direita abaixo do joelho, foram também dois camaradas paraplégicos DFA do Centro de Recuperação de Alcoitão. Este desporto que pode ser praticado por qualquer pessoa, desde que tenha um mínimo de força nos braços, pode também ser praticado apenas como terapêutica ocupacional. Os cinco camaradas deficientes que fizeram o curso em igualdade de condições com pessoas absolutamente normais não sentiram a mínima dificuldade.

A Federação Portuguesa de Tiro ao Arco está disposta a apoiar todas as iniciativas para a prática de tiro ao arco por DFA. Em Alcoitão já funciona um núcleo, no Lar Militar vai abrir brevemente um núcleo e na Sede da ADFA se as condições o permitirem formar-se-á também um núcleo.

Portanto, camarada, se desejas praticar tiro ao arco desloca-te a qualquer núcleo onde se pratique, lá te informarão e te ajudarão, há núcleos de prática de tiro ao arco por quase todo o País.

A foto que acima reproduzimos documenta o que atrás referimos. Deficientes competindo na prática de tiro ao arco, com pessoas não deficientes, em igualdade de condições